

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO SEMÂNTICO- -PRAGMÁTICO DE AGORA

1. Este trabalho insere-se numa pesquisa mais vasta que tenho vindo a desenvolver em torno dos marcadores discursivos do português(1). Os marcadores discursivos, também designados por “conectores pragmáticos”, “partículas discursivas” ou “conectores discursivos”(2) são itens linguísticos que operam ao nível discursivo, facultando ao ouvinte/leitor um conjunto de instruções que tendem a facilitar-lhe o processamento da informação intendida pelo locutor. No âmbito da análise do discurso, o objecto do conhecimento é a linguagem em funcionamento no quadro de contextos comunicativos concretos. O discurso é sempre um fragmento linguístico — mais ou menos extenso — produzido intencionalmente por um falante, em função de determinados objectivos comunicativos. A pro-

(1) Este projecto de investigação tem vindo a desenvolver-se no âmbito do CELGA, Unidade de I&D nº 287.

(2) A designação “conectores pragmáticos” ocorre fundamentalmente em T. A. VAN DIJK, *Text and Context. Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse*, London (Longman), 1977 e na análise do discurso desenvolvida pela escola de Genève (veja-se EDDY ROULET *et alii*, *L'articulation du discours en français contemporain*, Berne (Peter Lang), 1985; JACQUES MOESCHLER, *Modélisation du dialogue. Représentation de l'inférence argumentative*, Paris, (Hermès), 1989). A designação “partículas discursivas” aparece na tradição linguística alemã e também, juntamente com “conectores discursivos”, nos trabalhos desenvolvidos no âmbito da Teoria da Relevância (veja-se D. SPERBER e D. WILSON, *Relevance: Communication and Cognition*, Oxford (Basil Blackwell), 1986; D. BLAKEMORE, *Semantic Constraints on Relevance*, Oxford (Basil Blackwell), 1987; IDEM, *Understanding Utterances*, Oxford (Basil Blackwell), 1992). A expressão “marcadores discursivos” é utilizada, entre outros, por D. SCHIFFRIN, *Discourse Markers*, Cambridge (Cambridge University Press), 1987.

dução do discurso envolve, para além de uma competência estritamente linguística, diversos saberes de natureza social e princípios de ordem cognitiva. Assim, na construção da significação global de um discurso, verifica-se uma interacção permanente entre factores de natureza linguística e factores contextuais *lato sensu*. Esta interacção promove, no processo interpretativo, um cálculo de inferências basicamente motivado por uma necessidade de optimização da coerência do produto discursivo. Movido pelo princípio da cooperação(1), o interlocutor procurará, por conseguinte, colmatar eventuais descontinuidades semânticas e reconstituir as conexões indispensáveis à compreensão da totalidade de significação intendida pelo locutor. Se é verdade que a coerência é essencialmente um princípio interpretativo e não uma propriedade formal dos discursos ou uma dimensão idiomática responsável pela boa-formação semântica do transfrásico, não é menos verdade que, frequentemente, o locutor assinala, através de mecanismos de natureza linguística, o tipo de elo ou de nexos que o interlocutor deve instituir entre enunciados ou constituintes discursivos, por forma a evitar interpretações “equivocas”. Ora os marcadores ou conectores discursivos são justamente os mecanismos linguísticos que desempenham esta tarefa de “guia” na interpretação, facultando um conjunto de instruções que operam ao nível do processamento de inferências.

Por outro lado, se perspectivarmos o discurso como um complexo integrado de estruturas — estruturas proposicionais, actos discursivos sequencialmente ordenados, estruturas de interacção social —, poderemos levantar a hipótese segundo a qual os marcadores discursivos funcionam nos vários planos discriminados, quer a nível local, quer a nível global (inde-

(1) Segundo Grice, o princípio da cooperação pode ser formulado nos seguintes termos: «Faz com que a tua contribuição conversacional se adegue, no momento em que ocorre, às necessidades do propósito ou direcção comumente aceite da troca conversacional em que participas». — Cf. PAUL GRICE, *Logic and Conversation*. In: P. COLE e J. MORGAN (eds.), *Syntax and Semantics*, 3, New York (Academic Press), 1975, p. 45.

xando os enunciados que prefaciam, quer ao contexto verbal, quer aos participantes).

O item que me vai ocupar neste artigo tem um comportamento linguístico de certo modo paralelo ao de *então*, já por mim estudado(1). Tal como *então*, *agora* nem sempre funciona como marcador discursivo. Tradicionalmente classificado como advérbio de tempo, não há dúvida que assume com frequência esse valor nos discursos em que é actualizado. Nos parágrafos que se seguem, começarei por analisar o valor temporal de *agora*, antes de centrar a minha análise no seu funcionamento como marcador discursivo.

2. Agora: valores temporais

2.1. Vejamos os seguintes exemplos:

- (1) São agora exactamente 3h.
- (2) A situação económica está agora melhor do que há seis meses.
- (3) Agora, os jovens atingem a maioridade aos 16 anos.
- (4) Agora, trata-se de sobreviver numa época de crescimento lento

Em (1), *agora* exhibe o seu valor temporal deíctico típico: trata-se de um advérbio de localização temporal, que delimita o intervalo de tempo em que se situa a eventualidade descrita, coincidindo esse intervalo de tempo com o intervalo de tempo da enunciação. Enquanto deíctico puro, *agora* inscreve no discurso a coordenada temporal da enunciação e é parafraseável por “neste momento em que eu falo”.

Nem sempre, porém, se assiste a este funcionamento deíctico restrito do adjunto adverbial *agora*. Com efeito, em (2),

(1) Veja-se ANA CRISTINA M. LOPES, *Então: elementos para uma análise semântica e pragmática*. In: *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. 1, Lisboa (Colibri), 1997, p. 177-190.

(3) e (4) *agora* refere um presente de enquadramento, parafraseável por “hoje em dia” ou “actualmente”. O intervalo de tempo envolvido na denotação deste *agora* tem fronteiras fluidas: inclui necessariamente o intervalo de tempo da enunciação, embora o transcenda nos dois sentidos do eixo do tempo. Se em (1) *agora* expressa uma relação de sobreposição total com o intervalo de tempo da enunciação, nos outros exemplos *agora* envolve uma relação de sobreposição parcial. Há, no entanto, um denominador comum: *agora* supõe uma situação (resultante de uma mudança) que contrasta com uma outra imediatamente anterior(1). Em suma, *agora* pode assumir um valor temporal deíctico estrito, quando introduz no universo do discurso um referente temporal que coincide com o intervalo de tempo da enunciação, mas pode também assumir um valor temporal deíctico lato, quando expressa um intervalo que engloba e transcende o tempo da enunciação.

Em todos os exemplos apresentados, *agora* co-ocorre com o Presente simples do Indicativo. Ora, se admitirmos que este tempo verbal localiza uma eventualidade num intervalo aberto, que se sobrepõe ao tempo da enunciação, concluímos que *agora* é um adverbial perfeitamente compatível, já que se verifica uma “concordância” temporal entre flexão verbal e adjunto. Mas vejamos mais de perto as compatibilidades de *agora* com o Presente simples, a partir da análise de enunciados onde ocorrem expressões predicativas pertencentes a diversas classes de *Aktionsart*(2):

- (5) Atenção, senhores telespectadores! Rosa Mota cruza agora a meta!
 (6) Agora, estão todos entretidos: o Pedro joga ténis, a Ana lê, o Paulo toca piano.

(1) Esta observação encontra-se já em ÓSCAR LOPES, *Para um conceito deíctico de presente e de presença*. Encontro sobre a Teoria do Texto, Universidade de Évora, 1985 (não publicado).

(2) Recorro, neste artigo, à clássica tipologia de classes de *Aktionsart* de Vendler. Cf. Z. VENDLER, *Linguistics in Philosophy*, Ithaca (Cornell University Press), 1967.

- (7) *Agora, o João morre.
 (8) Agora, a Patrícia vive no Porto.
 (9) *Agora, a Ana escreve um romance.

Como se depreende dos exemplos (5) e (6), em contextos de reportagem directa a co-ocorrência de *agora* com predicados de *achievement* e de actividade, no Presente simples, é aceitável. Note-se que em (5) *agora*, em rigor, não assinala uma coincidência absoluta entre o tempo do evento e o tempo da enunciação, mas uma aproximação extrema; este é talvez o único contexto em que *agora* pode co-ocorrer com a construção perifrástica ‘irPres. + Infinitivo’, que traduz um futuro iminente:

- (5a) Rosa Mota vai agora cruzar a meta!(1)

Nem sempre, porém, se verifica plena compatibilidade entre *agora* e predicados de *achievement* flexionados no Presente simples do Indicativo (veja-se (7)). Talvez haja factores de natureza pragmática, nomeadamente a implausibilidade de um contexto de reportagem directa, que justifiquem esta forte incompatibilidade de co-ocorrência. Para expressar uma relação temporal de sobreposição entre o tempo do evento e o tempo da enunciação, ter-se-ia que recorrer ao chamado “Presente perifrástico”, que entretanto opera uma conversão de *Aktionsart*,

(1) Em (5a), a eventualidade está prestes a ocorrer, num intervalo contíguo ou adjacente ao da enunciação. *Agora*, preferencialmente combinado com *mesmo*, pode, pois, contribuir para a expressão da culminação iminente de um evento. Note-se, ainda, que também é possível fazer co-ocorrer *agora* com tempos do passado:

- (i) Acabei agora mesmo de escrever o relatório.
 (ii) Vi-o agora mesmo na sala dos professores.

Em contextos deste tipo, *agora* (ou *agora mesmo*) assinala uma proximidade extrema relativamente ao tempo da enunciação: a eventualidade descrita, embora não esteja já em decurso, ocorreu num intervalo adjacente ao da enunciação.

transformando a descrição de um *achievement* na descrição de um *accomplishment*(1):

(7a) Agora, o João está a morrer.

Agora é plenamente compatível com predicados estativos no Presente (veja-se (8)). No entanto, o valor de localização temporal de *agora* é manifestamente suplantado pelo valor de contraste que o advérbio institui entre a situação presente que está a ser descrita (chamemos-lhe x) e uma situação anterior; assim, podemos afirmar que *agora* activa de imediato uma inferência do tipo 'antes, x não se verificava'. Voltando ao exemplo (8), a inferência despoletada por *agora* admite a paráfrase "Antes, a Patrícia não vivia no Porto". Assinale-se que este valor de contraste, como aliás já acima se frisou, integra necessariamente o valor semântico de *agora*, pelo que está presente em todos os outros exemplos comentados. Não admira que, sendo redundante a informação de localização temporal veiculada por *agora* em frases com verbos flexionados no Presente, se evidencie como mais relevante o valor de marcação de um contraste com uma situação anterior.

Em (9), verifica-se que um predicado de *accomplishment*, flexionado no Presente simples e combinado com *agora*, dá origem a um enunciado semanticamente anómalo. No entanto, basta alterar o valor semântico do argumento interno do verbo para se obter um enunciado aceitável:

(9a) Agora, a Ana escreve romances.

Assinale-se que a alteração semântica introduzida acarreta concomitantemente uma comutação de *Aktionsart*: a expressão predicativa passa a denotar uma actividade, e a com-

(1) Para uma descrição mais aprofundada do valor do chamado presente perifrástico, perspectivado como comutador de *Aktionsart*, veja-se ANA CRISTINA M. LOPES, *Para uma análise semântica dos tempos do presente em português*. In: *Cadernos de Semântica*, 23, Faculdade de Letras de Lisboa, 1995.

patibilidade com *agora*, interpretado no sentido deíctico lato, restabelece-se. Uma vez mais, *agora* marca um contraste entre a situação descrita e uma situação prévia distinta.

No seu uso estritamente deíctico, verifica-se uma forte compatibilidade entre *agora* e o chamado Presente perifrástico, como se pode comprovar pelos exemplos seguintes:

- (10) Agora, o João está a comer a sopa.
- (11) Agora, o João está a nadar.
- (12) Agora, a Ana está a viver em Coimbra.
- (13) Agora, ele está a reconhecer-te.

Dado que o Presente perifrástico é a forma verbal que permite descrever uma situação em decurso no momento da enunciação, não admira que não suscite qualquer restrição de co-ocorrência com *agora*.

2.2. Usos temporais transpostos

2.2.1. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (14) A Maria tinha sido muito infeliz em casa dos tios. Mas agora, na sua própria casa, sentia-se bem.
- (15) Às 8 horas, o João entrou em casa, cansado. Tinha passado um dia complicado; agora estava calmo.

Nestes contextos, *agora* tem um valor temporal não estritamente deíctico: faz referência a intervalos de tempo da esfera do passado, e não ao intervalo de tempo da enunciação. Este uso não deíctico do advérbio sofre fortes restrições contextuais de ocorrência. De facto, só ocorre com este valor em frases que descrevem estados passados, sem qualquer referência a uma fronteira terminal. Em português, a representação lin-

guística de uma situação deste tipo implica a utilização do Imperfeito e não do Pretérito Perfeito simples. Veja-se a inaceitabilidade de (15a):

(15a) Tinha passado um dia complicado, *mas agora pôde descansar.

Para uma explicação cabal deste uso de *agora*, parece-me necessário introduzir a noção de ponto de referência(1) ou ponto de perspectiva temporal(2), no quadro de uma teoria bidimensional do tempo ou da localização temporal. Assim, situar uma eventualidade no eixo do tempo envolve a consideração de um ponto de referência, entendido como momento a partir do qual se perspectiva a localização. Este ponto de referência pode coincidir ou não com o intervalo de tempo da enunciação, o que significa que tanto pode situar-se na esfera do presente, como na esfera do passado ou do futuro(3). É relativamente a este ponto de referência que o tempo da eventualidade vai ser ordenado, segundo uma relação de anterioridade, posterioridade ou sobreposição. Nos exemplos acima transcritos, *agora* selecciona um ponto de referência temporal contextualmente determinado, situado na esfera do passado, a partir do qual se localiza uma situação que, sendo estativa, necessariamente inclui esse ponto de referência. Por outras palavras, o estado representado na frase em que ocorre *agora* sobrepõe-se ao ponto de referência circunscrito pelo advérbio. Concretizando: no exemplo (15), o ponto de referência seleccionado por *agora* corresponde ao estado subsequente à culminação do evento descrito (“O João entrou em casa”); a situação estativa que a seguir se descreve através do Imperfeito corresponde a um estado de coisas vigente nesse lapso de tempo do pas-

(1) Esta noção encontra-se em H. REICHENBACH, *Elements of Symbolic Logic*, Berkeley (University of California Press), 1947.

(2) Veja-se H. KAMP e U. REYLE, *From Discourse to Logic*, Dordrecht (Kluwer Academic Publishers), 1993.

(3) Naturalmente, no caso do *agora* estritamente deíctico, o ponto de referência coincide com o intervalo de tempo da enunciação.

sado(1). Note-se que este funcionamento peculiar de um advérbio primitivamente deíctico se verifica no chamado discurso indirecto livre; este tipo de discurso, que permite representar as palavras e/ou pensamentos das personagens no interior de um texto de índole predominantemente narrativa, é um discurso híbrido, já que a voz de uma personagem penetra a estrutura formal do discurso do narrador. Deste modo, assiste-se à emergência de uma voz dual, como se narrador e personagem falassem em unísono; ou, noutros termos, num percurso narrativo predominantemente conduzido e focalizado pelo narrador insinua-se a voz da personagem, marcando o seu tempo/espço subjectivo(2).

2.2.2. Veja-se agora o exemplo (16), extraído de uma famosa canção de Chico Buarque:

(16) Agora, eu era o herói, e o meu cavalo só falava inglês.

Neste caso, o Imperfeito co-ocorre de novo com *agora*. Trata-se de um uso do Imperfeito que caracteriza a linguagem infantil e que alguns autores designam por Imperfeito lúdico. Parece-me um contexto de uso substancialmente distinto do que analisámos anteriormente. Com efeito, *agora* não referencia aqui um intervalo de tempo passado, antes viabiliza uma espécie de comutação para um mundo possível ficcional, uma transposição do aqui/agora do mundo real para o aqui/agora do

(1) Esta questão também é abordada por S. MATOS, *Agora: da deixis temporal à argumentação*. In: *Revista da Faculdade de Letras do Porto. Línguas e Literaturas*. II Série, Vol. V, Tomo I, 1988, p. 119-136. Segundo o autor, «a utilização de *agora* em textos narrativos do passado corresponde a uma transição do modo de enunciação propriamente narrativo para um modo em que o *narrativo* e o *experencial* se misturam e mutuamente se contaminam» (p.126).

(2) Sobre a noção de discurso indirecto livre, vejam-se, entre outros, A. BANFIELD, *Unspeakable Sentences. Narration and Representation in the Language of Fiction*. Boston (Routledge and Paul), 1982 e M. VUILLAUME, *Grammaire temporelle des récits*, Paris (Minuit), 1990.

mundo da história que está a ser construída pela linguagem. Como afirma Fernanda Irene Fonseca, este “efeito de sentido” resulta da co-ocorrência paradoxal de um adjunto adverbial deíctico, que integra o modo de enunciação experiencial típico da interação verbal quotidiana, com um tempo verbal característico da enunciação narrativa(1). É questionável se se trata ainda neste caso de um valor temporal, no sentido estrito do termo. De qualquer modo, é de assinalar que também aqui *agora* veicula um valor de contraste: desta feita, o contraste opõe o mundo real ao mundo ficcional que está a ser criado pelo dizer.

2.3. Em síntese, diria que, nos seus usos temporais, *agora* circunscreve um ponto de referência a partir do qual se ordena a situação descrita. Esse ponto de referência é, prototipicamente, o tempo da enunciação; no entanto, pode haver uma “transferência” do centro deíctico, sempre que, num texto narrativo, o narrador cede a voz a uma personagem, instituindo-se assim uma alteração de ponto de vista ou perspectiva. De qualquer maneira, mesmo quando delimita um intervalo passado, *agora* é ainda o ponto de referência em termos de localização.

3. *Agora*: marcador discursivo

Atente-se nos seguintes exemplos:

- (17) Não há dúvida que ele é esperto. Agora o que acontece é que ele rejeita todas as propostas de emprego.
- (18) É bonita, a casa deles. Agora a nossa não se compara!

(1) Cf. FERNANDA IRENE FONSECA, *Deixis et anaphore temporelle en portugais*. In: *Actes du XVII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, vol. 4, 1986, p. 381-393.

- (19) Eu verifiquei que eram de plástico, agora se o, se outras pessoas verificaram ou não, não sei(1).
- (20) Não, não aconselho a ninguém. Agora infelizmente tenho que (...) me assujeitar (...) (2).

A primeira observação que julgo pertinente tecer prende-se com os critérios que me permitem distinguir o adjunto temporal do marcador discursivo. Para além da intuição linguística, que, no processo interpretativo, atribui significações distintas aos dois itens, há alguns testes linguísticos que legitimam a distinção. Em primeiro lugar, é óbvio que, num discurso, não co-ocorrem dois *tokens* do advérbio de tempo *agora*. No entanto, o advérbio temporal pode co-ocorrer com o marcador discursivo:

- (17a) (...) Agora o que acontece é que ele rejeita agora todas as propostas de emprego(3).

Em segundo lugar, enquanto marcador discursivo, *agora* nunca ocorre em início absoluto de texto, na medida em que funciona como conector entre enunciados; ocorre sempre no início de um novo acto discursivo, no interior da intervenção do mesmo locutor, o que não caracteriza o funcionamento do *agora* temporal. Este último pode co-ocorrer precedido por *só* e *até*, o que não acontece nunca com o marcador discursivo. Por fim, assinala-se que o *agora* temporal pode ser topicalizado em construções clivadas, sendo tal construção incompatível com o marcador discursivo. Sobre os factores prosódicos de diferenciação, não disponho de dados precisos, embora me

(1) Exemplo retirado das entrevistas publicadas no volume *Português Fundamental. Métodos e Documentos*. Tomo I, Lisboa (INIC), 1987, p. 80.

(2) Exemplo igualmente retirado da obra mencionada na nota anterior, p. 135.

(3) Num registo formal, para se evitar a repetição do significante *agora*, o falante optaria eventualmente por substituir o marcador discursivo pelo seu equivalente *ora*: «Ora o que acontece é que ele rejeita agora todas as propostas de emprego».

pareça que os padrões acentuais não são exactamente os mesmos, havendo frequentemente uma pausa depois do marcador discursivo.

Importa evidenciar que *agora* marcador discursivo ocorre preferencialmente em contextos argumentativos e comparativos, onde o tempo não funciona como tópico discursivo central. Ao recorrer ao *agora* marcador discursivo, o falante assinala a sua progressão discursiva através de uma série de unidades sequenciais. O que vem depois de *agora*, no discurso subsequente, é uma subparte de uma estrutura (cumulativa) mais ampla, e o marcador assinala uma progressão ordenada no tempo do discurso. Este aspecto parece-me saliente: para além do tempo dos eventos que estão a ser linguisticamente representados, há que ter em conta também o tempo do desenrolar do próprio discurso, central na estruturação do mesmo. Muitas vezes recorreremos ao item *agora* para marcar uma nova etapa da nossa intervenção discursiva. Mas vejamos mais de perto os exemplos.

Em (18), *agora* introduz o segundo subtópico de uma comparação, evidenciando simultaneamente um contraste relevante entre os termos comparados.

Relativamente aos contextos argumentativos, *agora* prefacia frequentemente um enunciado cujo rumo argumentativo contrasta com a orientação argumentativa do enunciado precedente. Parece-me ser este, claramente, o caso de (17). Substituível por *mas*, *agora* introduz um enunciado que de algum modo contraria uma conclusão sugerida pelo primeiro enunciado(1).

Noutros contextos típicos de ocorrência, *agora* assinala uma transição ao nível do modo de enunciação: depois de uma

(1) Parece-me pertinente a observação de RISSO segundo a qual *agora* «quando assume traços argumentativos mais nítidos (...) encaminha para o argumento mais forte, que deve prevalecer sobre o outro, anteriormente apresentado». — Cf. M. S. RISSO, *Agora... o que eu acho é o seguinte: um aspecto da articulação do discurso no português culto falado*. In: A. CASTILHO (ed.), *Gramática do português falado*, vol. III, 1993, p. 55.

sequência discursiva predominantemente narrativa, *agora* prefacia uma intervenção de índole avaliativa, centrada no locutor:

- (21) O Pedro chegou cansado e o pai bombardeou-o com perguntas. Agora eu acho que esta é uma forma de intimidação.

Em jeito de conclusão, direi que *agora*, nos seus usos não temporais, funciona como estruturador do discurso monológico. Através deste item, o locutor pode inaugurar um(a) novo(a) momento/etapa da sua intervenção, introduzir uma asserção que imprime um novo rumo argumentativo ao discurso, articular o desenvolvimento de um tópico discursivo pela inserção de um sub-tópico. Como denominador comum, apenas o facto de haver sempre a marcação de um contraste, já não temporal, como acima destacámos ao analisar o advérbio, mas entre constituintes discursivos. *Agora* funciona, nestes casos, como elemento conjuncional, marcando a saliência, no espaço cognitivo/argumentativo, de uma determinada informação.

Tal como já tínhamos verificado com *então*, também com *agora* se assiste a uma flutuação semântica entre valores temporais, por um lado, e valores argumentativos e de sinalização puramente discursiva, por outro. Se equacionarmos em termos cognitivos a tradicional oposição *deixis* vs. *anáfora*(1), verificamos que a *deixis* envolve sempre a introdução, na memória imediata, de um referente novo, ainda não saliente ou manifesto. Nesta perspectiva, o marcador discursivo *agora* assinala justamente, para além do momento presente do tempo do discurso, o novo elemento/constituente discursivo que o locutor quer tornar manifesto.

Coimbra.

ANA CRISTINA M. LOPES

(1) Sobre este assunto, veja-se G. KLEIBER, *Anaphore-deixis: deux approches concurrentes*. In: M. A. MOREL e L. DANON-BOILEAU (eds), *La deixis*, Paris (PUF), p. 613-626.

RÉSUMÉ

Dans cet article, nous analysons les valeurs temporelles et discursives de *agora*, dans le portugais européen contemporain. Dans ses usages temporels, *agora* circonscrit le point de référence à partir duquel s'organise la localisation temporelle de la situation représentée. Prototypiquement, le point de référence coïncide avec le moment de l'énonciation, mais ce centre déictique peut être "transposé": dans le discours indirect libre et dans les contextes où l'interaction entre *agora* et l'imparfait engendre la construction d'un monde possible fictionnel. En tant que marqueur discursif, *agora* signale le moment présent du *temps du discours*, et opère en tant que structurateur du texte monologique, avec différentes fonctions: signalisation d'une nouvelle orientation argumentative, introduction d'un sous-thème nouveau, mise en relief d'un fragment discursif.

La perspectivation cognitive de la *deixis* nous permet de déceler des liens entre les usages décrits.